

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAELLA RAÍSSA OLIVEIRA SPENA

**PROPOSTA CURRICULAR E DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LIBRAS COMO
SEGUNDA LÍNGUA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CURITIBA

2018

RAFAELLA RAÍSSA OLIVEIRA SPENA

**PROPOSTA CURRICULAR E DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LIBRAS COMO
SEGUNDA LÍNGUA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Letras Libras. Trabalho de Conclusão de Curso - II, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Priscilla Lóddo Cezar

CURITIBA

2018

PROPOSTA CURRICULAR E DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

RAFAELLA RAÍSSA OLIVEIRA SPENA²

rafaellaspenna94@gmail.com

KELLY PRISCILA LÓDDO CEZAR³

kellyloddo@ufpr.br

RESUMO: Esta investigação tem por objetivo apresentar uma proposta curricular para aprendizes de Libras como segunda língua no ensino fundamental (6º-9º ano), bem como criar uma proposta de sequência didática com enfoque teórico bilíngue para surdos (9º ano), visto que no Brasil, a implantação da disciplina de Libras no ensino regular são movimentos isolados. Para tanto, optou pela pesquisa bibliográfica que foi dividida em dois momentos 1) Apresentação da proposta curricular - selecionamos os documentos oficiais sobre a Libras e materiais existentes sobre a temática e 2) Criação de uma sequência didática bilíngue (SDB) - levantamento de materiais sobre criação de sequências didáticas para o ensino com uso de gêneros textuais-visuais. Os resultados evidenciaram que as propostas curriculares encontradas tem como predomínio o uso de gêneros textuais, no entanto com baixo uso de gêneros textuais visuais. A partir desses resultados, adaptamos uma proposta curricular com os princípios dos estudos bilíngues que vê língua com uma prática social. O segundo momento contemplou a criação de uma SDB para o 9º ano com a temática Escrita de Sinais, uma vez que permite a rememoração de todos os conteúdos apresentados funcionando como um processo de revisão e aperfeiçoamento dos conteúdos. Concluimos que utilizar e criar SDB coloca o professor como protagonista do processo de ensino aprendizagem de línguas, além de promover uma flexibilidade na organização e na exposição dos conteúdos. Nesse sentido, tanto a proposta

¹ Trabalho apresentado ao curso de licenciatura de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) como requisito parcial do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

² Formanda do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de Libras do ensino fundamental e tradutora intérprete.

³ Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR), lotada na coordenação do curso Letras Libras. Graduada e mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Doutora pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp-Fclar), Phd pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE- Foz do Iguaçu).

apresentada como a criação da SDB tem como finalidade tornar-se uma ferramenta de ensino disponível para os professores.

Palavras chave: Libras, ensino fundamental, SDB, proposta curricular

ABSTRACT: This study aims to present a curriculum for Brazilian Sign Language (Libras) learners in middle school (6th-9th grade) and to propose a didactic sequence under the theoretical approach of the biligualism for the Deaf (9th grade), considering that the insertion of this subject in regular education is a non-generalized movement in Brazil. To do so, the bibliographic review was split into two moments: 1) The presentation of curricular proposal – we selected the official documents on Libras and other materials already existent on the topic; and 2) Creation of a Bilingual Didactic Sequence (BDS) – reference survey on the creation of didactic sequences with visual textual genres. The results show that the use of textual genres prevail on curricula, however not many visual textual genres are explored. From such results, we adapt a curricular proposal under the principles of the bilingual studies, considering language as a social practice. The second step was the creation of a BDS for 9th graders on Sign Writing, since this allows the remembrance of all the previous contents as a process of revision and improvement of them. We conclude that the use of a BDS puts the teacher as the protagonist of the language teaching-learning process, besides promoting flexibility for the organization and the exhibition of the contents. In this sense, the proposal and creation of the BDS aim to become teaching tools available to teachers.

Key words: Libras, middle school, BDS, curriculum.

INTRODUÇÃO

A comunicação sempre existiu e é um dos meios de trocas de informações. Em suas diversas formas, a comunicação se dá, também, como uma linguagem.

No Brasil, em termos linguísticos, os estudos iniciaram na década de 80, quando a professora Lucinda Ferreira Brito descreveu duas Línguas de Sinais Brasileiras Libras e a língua de sinais Urubu-Kaapor. Em seguida, na década de 90, produções acadêmicas (FELIPE, 1988; KARNOPP, 1994; 1999; QUADROS; 1997; 1999; FERREIRA, 2010) contribuíram para a sustentabilidade da Libras. Para melhor compreender cada país tem sua própria língua, no Brasil Libras é a sigla utilizada, que significa Língua Brasileira de Sinais. No Brasil, segundo Fernandes (2007), em 1980, começaram a ser feitos os primeiros estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais, os resultados apresentaram uma língua de complexidade estrutural e funcional (organizada em todos os níveis gramaticais, fonológico, morfossintático, semântico e pragmático).

A legislação brasileira está bem estabelecida em relação ao aluno surdo com a Lei nº 10.436 da Língua Brasileira de Sinais (2002) e Decreto nº 5.626 da Lei de Libras (2005), decreto este que oficializa o processo de formação nas licenciaturas para atuarem no atendimento educacional especializado, no entanto, raras são as propostas ou currículo que abordam conteúdos que envolvem gêneros textuais próprios da cultura surda, também devemos lembrar da atuação do profissional em sala de aula, já que, como citado, não há conteúdos condizentes ou uma proposta curricular progressiva para as séries de ensino, assim o professor que ensinará Libras como L2 não tem material e nem proposta que possa norteá-lo para tal processo de ensino, o que muitas vezes ocasiona em conteúdos soltos, feitos através de pesquisas, não contemplando a faixa etária dos alunos e nem as suas fases de ensino.

Esta proposta surge a partir dos estudos realizados ao longo do processo de graduação do curso de letras Libras (licenciatura), bem como de minhas experiências com o ensino de Libras como disciplina obrigatória em uma escola particular do município de Curitiba. A dificuldade da busca de materiais para criação de planos de aulas que fossem condizentes as séries escolares em que a mesma se aplica foi um dos maiores desafios encontrados. Dessa forma, a presente investigação teve como objetivo apresentar adaptação de uma proposta curricular para aprendizes de Libras como L2 no ensino escolar, a qual tomou como princípio básico os conceitos de dos

estudos bilíngues⁴, bem como a dimensão do ensino de língua como prática social da qual deve-se envolver os artefatos culturais para compreensão efetiva da proposta apresentada. Para tanto, utilizamos os conceitos de gêneros textuais e a importância de se criar sequências didáticas para o ensino de línguas no contexto da história, cultura e estrutura. Assim, apresentamos uma criação de sequência didática para a 6ª série com o intuito de se tornar uma ferramenta disponível para os professores.

Para atender ao objetivo proposto, optou pela pesquisa bibliográfica fazendo uma breve exposição dos principais documentos oficiais para o ensino bilíngue para surdos. A pesquisa foi organizada na análise dos documentos oficiais: Lei n 10436 e Decreto n 5626) e no levantamento bibliográfico sobre propostas curriculares para o ensino de Libras, tanto como L1 como L2 desde que fossem pautadas na teoria dos gêneros textuais, criação de sequências didáticas bilíngues e bilinguismo para aprendizes surdos. No levantamento bibliográfico, banco de periódicos da Capes, foram encontrados 3.460 artigos relacionados ao tema Libras, quando associado Libras e Ensino Fundamental apareceram 139 artigos, entre eles temos seis artigos sobre intérprete, oito sobre fonoaudiologia, cinco sobre novas tecnologias e seis sobre outras áreas como física, matemática e história. O restante desse número foi relacionado a surdez como patologia e inclusão.

O trabalho que mais se aproximou a esta proposta foi Sequência Didática para o Ensino de Libras como L2, por Adriana de Oliveira de Souza Sanches Romão (2016), que aborda uma sequência didática para ministração no ensino superior com duração de 15 aulas, especificamente na disciplina de Libras nos cursos de licenciatura. Ainda sobre esse tema, a proposta tem como ponto chave algumas palavras do cotidiano que serão apresentadas em sinais e breves textos sobre o material, vale lembrar que no mesmo não há imagens, mas vídeo-aulas propostos em uma plataforma virtual. Este trabalho tem a proposta de usar gêneros visuais para o ensino de Libras como segunda língua no ensino fundamental. Para a proposta curricular tomamos como ponto de partida as *Orientações Curriculares e Proposição de expectativas de aprendizagem para educação infantil e ensino fundamental* (São Paulo, 2008)⁵ e o

⁴ Assim como posto nas *Orientações Curriculares e Proposição de expectativas de aprendizagem para educação infantil e ensino fundamental*. Este trabalho também não se atem a nenhuma proposta de ensino bilíngue para surdos em particular, mas nos princípios que norteiam a educação de surdos para se tornar base para o ensino de Libras no ensino fundamental podendo ser aplicada para aprendizes ouvintes.

⁵ Torna-se importante destacar que o material desenvolvido para aprendizes surdos teve como norte as *Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem para educação infantil e para o ensino*

Programa Curricular de Língua Brasileira de Sinais para surdos (ALBRES, SARUTA, 2012); o artigo Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2 (ROMÃO, 2016); bem como os Cadernos de apoio de aprendizagem Libras (São Paulo, 2012).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O ensino de línguas de sinais era muito restringido aos surdos para comunicação da comunidade surda em razão da visão clínico-patológica⁶ da linguagem que ainda permeia nossa sociedade. No entanto, a partir dos anos de 1960 com o advento da inserção da descrição linguística apresentada mundialmente pelo linguista norte americano William Stokoe essa visão começa a ser revista e estudado no campo da linguística e na educação abrindo as discussões para a visão socioantropológica⁷ da linguagem. Cabe destacar que o presente trabalho tem como objetivo o contexto educacional da Libras no ensino regular. Dessa forma, Neves (2011, p.6), salienta a baixa publicação e estudos acerca do ensino de Libras no Brasil, nas palavras da autora “não existem trabalhos a respeito das origens do ensino de Libras no Brasil. Entretanto, é provável que os primórdios do ensino de Libras no Brasil também se assemelhem aos do ensino de ASL nos Estados Unidos”.

Em consonância com esse pensamento, Gesser (2009, p. 6), assevera que “no Brasil a discussão sobre metodologias aplicadas ao ensino de LIBRAS ainda é muito inicial”, e ainda menciona o trabalho de Felipe (1993) como um estudo sobre, “Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes” o qual apresenta estratégias metodológicas para tal ensino. Já em 2016, tem-se a publicação de uma obra “Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2” (ROMÃO, 2016) com enfoque

fundamental publicada em 2007 pela mesma secretaria. Essa informação nos auxiliou tanto na proposta como na criação da SDB.

⁶ O termo “surdo”, em oposição a “deficiente auditivo”, tem sido defendido pela comunidade surda, pois reflete uma visão socioantropológica que destaca não a deficiência, mas a valorização da língua de sinais, da cultura e identidade surdas. Portanto, quando os surdos defendem o uso do termo “surdo” para serem referidos, ao invés de “deficiente auditivo”, não se trata de uma simples transformação terminológica, mas significa mudança na visão acerca das pessoas surdas, que passam a ser consideradas como pessoas que apresentam uma diferença linguística, que integram o grupo de minorias linguísticas brasileiras e que precisam de políticas linguísticas. Os termos deficiente e deficiência auditiva sempre remetem ao tratamento e à cura para o problema da audição. Tratar a deficiência e a doença é importante, mas é função das políticas públicas de saúde e não da educação. Silva (2016)

⁷ Através de seus métodos de investigação científica, procura compreender e explicar as estruturas da sociedade, criando conceitos e teorias a fim de manter ou alterar as relações de poder nela existentes.

no ensino superior. A motivação da presente investigação se deu a partir das experiências vividas na disciplina de libras como professora do ensino fundamental que somada a escassez de materiais para esse público. Antes de apresentar a proposta didática e a criação de uma sequência didática bilíngue, dedicaremos nos de forma breve a verificar como a legislação compreende o ensino para aprendizes surdos e como ocorre a preparação dos futuros licenciados a atenderem a demanda de alunos surdos no ensino regular ou mesmo atender essa disciplina na rede escolar, mesmo que ainda se tenha nuances, a disciplina de libras já é ofertada em escolas regulares no Brasil, como podemos citar os seguintes exemplos: Escola Municipal Padre Pedro Fuss em São José dos Pinhais, Escola Dunamys no Bairro Alto, ambas em Curitiba – PR.

Seguindo essa realidade brasileira e observando pesquisas anteriores sobre a qualidade da formação dos futuros licenciados Lima (2016) propõe-se a discutir a formação dos professores para a prática docente com os alunos surdos e alunos ouvintes buscando sua inclusão. Inicialmente compreendeu a história da Educação dos Surdos no mundo e no Brasil considerando os principais avanços e retrocessos. Os estudos das políticas públicas e discussão das leis (10436) demonstram a garantia ao direito à educação bilíngue, Libras e língua portuguesa como segunda língua no currículo escolar. Partindo desses dados, verificou como a disciplina de libras estava sendo ofertada para os futuros professores de licenciatura de pedagogia de um instituição superior. Para tanto, considerou como a ementa estava sendo desenvolvida para a formação de um professor apto para receber alunos surdos e alunos ouvintes. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, analisando as respostas das entrevistas semiestruturadas, aplicadas aos estudantes de pedagogia na Universidade Federal do Paraná. Os resultados evidenciaram que os alunos não estão contentes com a ementa e a carga horária da disciplina Libras, porém sugeriram que tanto a ementa como principalmente a carga horária deveriam ser revistas para que os alunos possam ter uma melhor formação para estarem aptos a comunicar-se em Libras e ensinar alunos surdos junto com alunos ouvintes, julgam 60 horas insuficiente. Seguindo essas inquietações no ensino superior e com a preocupação da qualidade da formação dos futuros professores, bem como a disciplina está organizada nos cursos de licenciatura desta mesma instituição, Melegari (2018), realizou uma análise curricular da disciplina de Libras como segunda língua no ensino superior. A

investigação teve por objetivo analisar a disciplina obrigatória de Língua Brasileira de Sinais (Libras) dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR), campus Curitiba. A pesquisa foi de cunho bibliográfico-documental, os resultados evidenciaram que: a) todos os cursos de licenciatura da UFPR seguem o artigo 3º do Decreto de Nº 5.626/2005; b) a disposição da grade curricular não incentiva os futuros docentes a terem experiências práticas com alunos surdos; c) a posição teórica apresentada vai ao encontro da perspectiva defendida pela cultura surda (bilinguismo); d) a quantidade de horas dedicadas ao ensino de uma segunda língua, sessenta horas, é insuficiente para atender um alunado surdo, bem como à ministração dos conteúdos relacionados à Cultura Surda (ensino de língua sinalizada, história e cultura).

Motivada por estes dados e somada à minha prática docente, esta pesquisa teve como principal objetivo apresentar uma proposta curricular e didática para o ensino de Libras como segunda língua no ensino fundamental, pautada na perspectiva bilíngue para surdos, considerando as manifestações, ainda que não obrigatória por lei da implantação da disciplina de Libras no currículo escolar. Mesmo que pareça que a investigação tenha como norte o ensino de Libras para ouvintes, optamos por criar a proposta e a sequência didática na perspectiva bilíngue com o intuito de transformar em uma forma de desenvolver a sensibilidade e a realizada de possível de se ter um aluno surdo com os ouvintes compartilhando um mesmo momento escolar.

DOCUMENTOS EM DESTAQUE

Do ponto de vista da legislação, destacamos a Lei nº 10.436 e seu Decreto nº 5626. Os documentos oficiais em questão, além de assegurar a língua de sinais como língua de instrução e de aprendizagem reforça os aspectos linguísticos e culturais garantindo a especificidade de que uma pessoa surda compreenda e interaja com o mundo por intermédio de experiências visuais e manifestem sua cultura pela língua sinalizada, que é visual (BRASIL, 2005).

Os sujeitos surdos tem acesso aos conhecimentos de mundo pela visão o que os diferenciam dos ouvintes que se dá pela audição. Em razão desse fator, não há como considera-los como deficientes, mas como diferentes quando comparados a sociedade majoritária (ouvintes). Essa diferença que deve ser foco de trabalho em todo contexto educacional - da educação infantil ao ensino superior -, por este motivo a Libras é considerada língua de instrução para transmissão dos conteúdos escolares

(SÃO PAULO, 2008). Seguindo essa linha de pensamento, o Decreto 5626, desta lei, estabelece que a educação de surdos no Brasil deve ser ancorada na perspectiva bilíngue⁸ – Libras como L1 e modalidade escrita da Língua portuguesa como L2, inclusive a disciplina de língua portuguesa. Esses estudos preconizam que a língua de sinais venha a ser adquirida o mais cedo possível. A disciplina de língua brasileira de sinais tem como objetivo possibilitar ao aluno surdos conhecimento, ampliação e aprofundamento da língua em todos os aspectos além de ter como ponto principal o processo de interação.

A partir da explanação apresentada, detalharemos mais a seguir, no entanto torna-se relevante destacar que a criação da presente proposta se destina à disciplina de Libras para aprendizes ouvintes no ensino regular. A perspectiva de criação da proposta se dá por prever a importância de seguir à perspectiva bilíngue, uma vez que o professor pode receber um aluno surdo a qualquer momento e principalmente por trabalhar os aspectos linguísticos e culturais da Libras, uma vez que os dados do levantamento da inserção desta disciplina não excede uma hora semanal, não julgamos ser possível falar de aquisição de língua por parte dos ouvintes⁹. Dessa forma, elaboramos a presente proposta com embasamento nas necessidades linguísticas e educacionais dos aprendizes surdos com a finalidade de tornar-se um conteúdo acessível e sensível aos alunos ouvintes – colocar-se mediante as diferenças existentes, assim priorizamos a teoria dos gêneros textuais/visuais e a criação de sequências didáticas bilíngues para que o professor consiga manusear, alterar e ser o detentor do conhecimento e não os materiais didáticos como ocorre no sistema educacional brasileiro, em especial, no processo de avaliação continuada que deve ser realizada da mesma forma para crianças surdas como ouvintes.

A educação de surdos em um contexto bilíngue deve ser organizado de em uma forma visual-espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares em Libras. Dessa forma, há de contemplar os aspectos culturais das comunidades surdas, sua história e seus direitos para que o aprendiz surdo possa se identificar com a cultura de sua comunidade (SKLIAR, 1999; QUADROS, 2005).

⁸ Que fala duas línguas

⁹ Nossa crítica se dá não somente a quantidade de horas no contexto regular, mas também em dados anteriores como 60 horas no ensino superior como processo de formação para os futuros licenciados. Neste momento, pensamos tornar possível a transmissão da cultura, dos aspectos linguísticos, entre outros se perfazendo em um material real e não ideal.

Quanto aos pontos de destaque da Lei nº 10.436

O Presidente da República Fernando Henrique Cardoso no ano de 2002, sanciona a seguinte Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, no seu artigo primeiro reconhece LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais como “meio legal de comunicação e expressão”, da qual dispõe legalmente a respeito de políticas para o atendimento em Libras ao sujeito que é visual, bem como, a respeito **da inserção da Libras no currículo escolar brasileiro** (ROMÃO, 2016, p. 183).

Esta lei se associa ao presente trabalho por apresentar no seu **artigo 2º** o dever das instituições em garantir tal comunicação e de difundir a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação objetiva e de utilização coerente das comunidades surdas do Brasil, tendo como base esse parágrafo, a Libras deverá ser introduzida nas escolas para comunicação entre todos presentes no âmbito escolar. Para isto, este trabalho é proposto para um único fim: a comunicação entre surdos e ouvintes. Tendo em vista a escassez em materiais visuais, presentes na cultura surda, onde a metodologia destes não se encaixa para ensino de Libras como L2, sendo sua principal característica a visualidade.

Romão (2016, p. 184) afirma que para o setor educacional quanto à inserção da Libras no currículo escolar nacional, além disso, dispõe em parágrafo único que a Libras “não substitui a modalidade da escrita da língua portuguesa”.

As escolas em que há a disciplina de Libras no currículo escolar, outorgam professores formados em licenciatura com carga horária na disciplina de Libras baseada em 60h, segundo o Decreto 5626. Com isso, tais professores, anteriormente não inseridos na comunidade surda para obter base de sua cultura, comunicação e visualidade, usam de sua disciplina para ministrar conceitos de língua e linguagem, textos sobre tal comunidade, e por diante, a prática dessa Língua se torna inferior comparada a teorias, o que seria o principal desfecho da disciplina passa despercebido.

De acordo com a Lei nº 10.436, diz o seguinte,

Parágrafo único: Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Continua em seus artigos dizendo que:

Art.2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Esse artigo garante a acessibilidade do uso da Libras e divulgação dela em lugares públicos como uma língua oficial das comunidades surdas.

Art.3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Neste artigo, é conferido ao aluno com surdez, o direito de ser atendido pelos órgãos públicos de saúde recebendo o tratamento adequado para as consequências de sua deficiência auditiva, sendo atendido pelos profissionais responsáveis.

Art.4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais–Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme a legislação vigente.

O artigo indica a inclusão da disciplina Libras nos cursos de Educação inclusive no curso de pedagogia. Entretanto foi apenas com o Decreto Presidencial nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que ficou garantida e favoreceu a difusão nos meios educacionais. A comunidade surda conseguiu garantir Libras como a primeira língua e a língua portuguesa continua sendo sua segunda língua.

Quanto aos pontos de destaque da Decreto nº 5626

A descrição desse documento se trata de uma análise desse documento somente dos capítulos II e III, que trata da inclusão da Libras como disciplina curricular e da formação dos professores. No Capítulo II, que diz da inclusão de Libras como disciplina curricular o artigo terceiro diz o seguinte.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério,

em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

No que diz respeito a esse artigo esclarece que Libras será disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores, e reforça no inciso primeiro a necessidade da disciplina também no curso de pedagogia. Seguindo a análise do capítulo III, da formação do professor de Libras e do instrutor de Libras, chama-se a atenção ao seguinte artigo.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

Segundo esse artigo confirma-se que para o ensino de Libras nas séries iniciais e no ensino fundamental o que se requer é a realização do curso de pedagogia ou curso normal superior com a disciplina Libras. A prática da disciplina Libras já é aplicada nos cursos de licenciatura, porém será que a carga horária é suficiente para uma aprendizagem eficaz e a ementa contempla o que um professor precisa saber para receber um aluno surdo e chegue em sala de aula capaz de ensinar um aluno surdo em Libras.

Genêros textuais e SDB¹⁰

Os estudos e pesquisas em linguística da Libras sem uma abrangência geral do conceito de língua, quando se refere aos gêneros do discurso em Libras, a escassez é mais evidente tanto no que se refere a estrutura (composição) quanto ao funcionamento (ALBRES, SARUTA, p. 26)

¹⁰ Cezar 2018 no prelo

Torna-se importante destacar que o maior cuidado se dá na “transposição ingênua do que vem sido estudado com gênero do discursivo de línguas orais e sua didatização nas escolas para gêneros discursivos em Libras” (p. 26).

No campo do ensino-aprendizagem vivenciamos a falta de pesquisas sobre a prática pedagógica que assuma essa perspectiva e o gênero como objeto de produção, estudo e análise na escola. Há quase que total ausência de materiais didáticos para o ensino de Libras como língua materna, o que dificulta o olhar para essa língua vislumbrando seu ensino para seus falantes nativos, os surdos (p. 27).

Quando nos repostamos ao ensino de Libras para alunos ouvintes sobre o ensino da disciplina de Libras, que por sua vez pode receber um aluno surdo aluno surdo na sala regular, consideramos que a proposta pedagógica deva se fundamentar na perspectiva de gêneros textuais e de criações de sequências didáticas, como demonstrada a seguir.

Para a compressão do processo de sequências didática. Dolz e Schneuwly (2004) propõem um agrupamento para cada nível de ensino, havendo a necessidade de adaptar as aulas em função aos gêneros que apresentar suas diferenças. Esta ordem está concebida em: Narrar, Relatar, Argumentar, Expor e Descrever Ações; usando sua proposta, os encaminhamentos a seguir não estarão exatamente nesta ordem, mas conterá suas características nas séries que podem alcançar êxito em tais quesitos.

Crítica do uso de matérias didáticos para o ensino – proposta e não um manual que deve ser seguido. As sequências permitem flexibilidade na aplicação, da qual o domínio está nas mãos do professor – domínio de estrutura, funcionamento, aspectos culturais da Libras.

Seguindo esta esteira de pensamento, compreendemos como SD, em conformidade com os autores, como um conjunto de atividades planejadas para transmitir um determinado conteúdo que são organizadas de acordo com os objetivos que o professor deseja alcançar no decorrer da aprendizagem, considerando um processo que deve envolver desde atividades relacionadas a aprendizagem como a de avaliação em todos os níveis de escolaridade.

Cezar (2018) tendo essa perspectiva de ensino aprendizagem para o ensino de línguas realizou uma extensão desses conceitos transpondo para aprendizagem bilíngue para surdos, ensino de língua brasileira de sinais tendo o ensino de Libras

como primeira língua e a língua portuguesa escrita como segunda língua. A presente linguista segue fundamentasse na teoria dos gêneros textuais, uma vez que desenvolve o projeto institucional intitulado “Gêneros textuais e o ensino para surdos” Nele, busca-se elaborar sequências didáticas bilíngues para surdos utilizando os gêneros textuais para auxiliar no ensino da educação bilíngue dos surdos. A escolha de o uso dos gêneros textuais no ensino se deve por envolver os aspectos culturais, linguísticos e históricos que permeiam o estudo de línguas.

Sabe-se que os surdos partilham os mesmos contextos sócio-históricos dos ouvintes e, por isso, acabam por apresentarem as mesmas necessidades comunicativas, fazendo uso dos mesmos gêneros textuais. No entanto, a forma de expressão dos gêneros se concretiza de maneira diferente em decorrência de o fato de as línguas de sinais ser uma língua visual-espacial.

A proposta de investigação visa contribuir com a elaboração de materiais para com o professor da educação básica a obter uma alternativa de sequência didática capaz de auxiliar na aprendizagem dos surdos – formação de professores. A intenção foi articular com as principais queixas de aprendizado da escrita por parte dos alunos surdos (CEZAR, 2014) com abordagem dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2002).

De acordo com o linguista, o trabalho escolar com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos. Nenhum fazer linguístico está fora de algum gênero, pois todo discurso se manifesta por meio de diferentes gêneros textuais: “eventos linguísticos que se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2002, p.55).

Essa maneira perceber e trabalhar com a língua vai ao encontro da necessidade que as línguas naturais apresentam, em destaque, das línguas de sinais. Assim como toda língua natural, elas surgiram da interação entre pessoas e atendem às necessidades e desejos da comunidade de surdos. Partindo dessa premissa, gêneros textuais se apresentam como um dos recursos de ensino aprendizagem mais eficaz para o ensino da língua portuguesa escrita para os surdos e para promover a reflexão sobre o funcionamento da língua brasileira de sinais (CEZAR, 2015), uma vez que considera que criar eventos, propostas, sequências didáticas, adequação de materiais de ensino a partir da relação efetiva da comunicação entre a língua brasileira

de sinais (Libras) e a língua portuguesa escrita pode minimizar a artificialidade da escrita em contextos escolares.

Seguindo essa esteira de pensamento, neste trabalho, tecemos a crítica da escassez de materiais e propostas de ensino para escolas bilíngues para surdos, para a inserção de alunos surdos no contexto regular e mais especificamente de materiais que envolvam o ensino de Libras para surdos e ouvintes. Dessa forma, acreditamos que a criação de SDB para o ensino venha ser a fonte mais segura para um aprendizado de língua no contexto que dispomos socialmente, dessa forma, o professor pode adaptar, redimensionar, reelaborar e conduzir a aprendizagem de acordo com as necessidades educacionais momentânea. Assim, criticamos a imposição de materiais didáticos para o ensino de língua, já que na área em que abordamos a detenção do conhecimento e de condução da aula tem de estar “nas mãos” do profissional. Passaremos, a uma breve crítica da imposição de materiais didáticos no ensino brasileiro, da qual ainda se faz presente.

Na década de 1960, como afirma Berger (1976) com a ascensão dos militares foi introduzida a vertente pedagógica Tecnicista. Esta modalidade de ensino foi ao encontro da necessidade de escolarização rápida e técnica dos trabalhadores que precisavam qualificar-se como mão-de-obra industrial. Os objetivos da Pedagogia Tecnicista foram atingidos com maior precisão por meio do uso dos livros didáticos. Em decorrência disso, em pouco tempo os professores deixaram de ser considerados a principal fonte de saber e planejamento e passaram a basear sua atuação didática nesses manuais, assim passando para um mero instrutor.

Para Soares (2001), a maior demanda de alunos no ensino fundamental e médio, a qualificação ligeira dos professores, e a redução salarial que levou muitos a buscarem métodos de ensino menos exigentes em termos de dedicação profissional acabou por provocar o uso intensivo do livro didático. Consolidou-se então uma tradição de uso do livro didático no sistema educacional brasileiro. Para o autor Silva (1996, p. 12), os livros didáticos devem informar, orientar e instruir o processo de ensino-aprendizagem e não impor uma forma de ensinar ao professor.

Em assentimento com o pensamento do autor, Lajolo (1996) lembra que os livros didáticos desempenham um papel fundamental na educação escolar, pois, parece ser o de maior influência sobre as decisões e ações do professor. De acordo com a autora, no Brasil, a adoção do livro didático continua tendo como finalidade

determinar os conteúdos e procedimentos de ensino. Como consequência, para fugir do uso inadequado do livro didático, o professor deve avaliar sua qualidade e abordagem conceitual, pois nem sempre o referencial teórico corresponde aos conteúdos e exercícios presentes nesses manuais. Além disso, devem ser observadas suas incoerências, erros e conceitos incompletos.

Para Lajolo (1996, p. 8) “não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro [...], é *apenas* um livro, instrumento auxiliar da aprendizagem”. Machado (1996) também chama a atenção para o fato de que mais importante que a qualidade do material didático é a formação do professor, pois ele precisa estar preparado para o desenvolvimento de um ensino qualificado, que inclui a análise dos livros didáticos adotados pela instituição escolar. Em um estudo sobre os livros didáticos utilizados no sistema educacional brasileiro, Machado (1996) constatou que a melhoria da qualidade dos livros didáticos depende do estímulo dos órgãos governamentais e de uma maior qualificação dos professores.

No que tange ao ensino bilíngue para surdos e com a possibilidade de recepção de alunos surdos, ouvintes aprendizes de Libras entre outros, julgamos que o conceito e a organização das atividades venham a ser fundamentadas na concepção de SDB, uma vez que a estrutura e funcionamento de língua é diferente (L1 visual-espacial; L2 escrita de uma língua oral auditiva) que compartilham o mesmo contexto sociocultural.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É sabido que a educação escolar está atrelada ao contato com o professor e com os materiais que possibilitam o indivíduo a busca de mais conhecimento. Esse fato não se individualiza somente para os alunos ouvintes das escolas brasileiras, mas também aos alunos surdos, que conseguem evoluir gradativamente, com a ajuda do intérprete empregado em algumas escolas. Mesmo assim, a relação professor e aluno é discutível.

Segundo o artigo 3º da Lei 10.436 já presente no início deste trabalho, onde a mesma defende a comunicação para surdo em sua primeira língua nas instituições de ensino, sendo ela a Língua de Sinais, não há profissionais capacitados para essa educação inclusiva. Se falando em professor, podemos perceber a escassez na inclusão, revemos então a questão de materiais didáticos, os quais já foram

apresentados em sua modalidade escrita. Para a educação de surdos esta proposta de metodologia deve ser nova, e não copiada das que já existem, tendo em vista que surdos são visuais e fixam o conteúdo mais facilmente através da visualização e da prática.

Para Silva e Purpur (2012) da mesma forma que nas línguas oral-auditiva existem palavras, nas línguas de sinais também existem lexicais que recebem o nome de sinais. Portanto, para se comunicar em Libras não basta apenas conhecer os sinais, é necessário conhecer sua gramática para combinar as frases usando a configuração de mão, movimentos, ponto de articulação e expressões faciais e corporais. É importante conhecer as culturas e comunidades que nos rodam, para isso, é proposto um material didático próprio da cultura surda, com elementos visuais e não escritos como os alunos estão acostumados, para o ensino da Língua de Sinais como segunda língua no âmbito escolar.

Ainda sobre essa questão, Rojo (2000) acredita que o trabalho com gêneros textuais são uma oportunidade de extrema importância para o aluno se inserir na rotina diária da sociedade através da língua entendendo ela como é, sendo ela formada por pessoas no dia a dia, e tendo ela suas variações. Sabendo que o mesmo não irá explorar a língua em sua estrutura com seus estilos totalmente teóricos, mas na prática, conhecendo o uso da mesma com os sujeitos que a possuem, assim propostos por gêneros textuais em situações didáticas. Marcuschi (2008), caracteriza os gêneros textuais como uma ferramenta de função comunicativa, instrucional e cognitiva, muito mais do que somente a linguística e sua estrutura. Com isso, o autor defende não existem gêneros textuais ideais para cada tipo de turma, mas, que é possível usá-los para o ensino de língua.

Para Hübner e Simioni (2004) “o enfoque dado em sala de aula deve propiciar situações de interação por meio de práticas que propiciem aos alunos o uso real, por tanto social da língua que se concretiza por meio dos gêneros discursivos”, com isso, lembramos que a Língua de Sinais tem seu diferencial gênero visual, o qual requer uma prática mais cotidiana para produção individual.

PROPOSTA CURRÍCULAR E UMA POSSIBILIDADE DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

A partir desses resultados, adaptamos uma proposta curricular com os princípios dos estudos bilíngues que vê língua com uma prática social.

A todo professor é sabido a importância do Plano de Trabalho Docente (doravante PTD), sendo este desenvolvido antes das aulas a ministrar, e após essas, novamente feito em prol da melhoria do seu ensino, já que pode ver o resultado das aulas ministradas anteriormente. Hübner e Simioni (2004) destacam que “é no transcorrer das aulas que o planejamento realmente se efetiva, haja vista a realidade que se evidencia a partir dos questionamentos, dúvidas e do (des)conhecimento dos alunos”. Para isso, o PTD deve estar sendo formulado conforme o aprendizado de seus alunos, não fugindo do foco no ensino da Língua de Sinais que se concentra, na maior parte do tempo, em sua prática.

Em todas as propostas curriculares apontadas abaixo, em seu encaminhamento apresenta a frase “rememoração” que se refere a retomar os conteúdos passados anteriormente para então podermos entrar nos presentes conteúdos, tomando em conta a linha de raciocínio para aquisição da Libras.

5º ano

Conteúdos	Rememoração ENCAMINHAMENTO	Repertório linguístico VOCABULÁRIO	GRAMÁTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Espaços da escola e seus verbos de ação • Comentar notícias (jornal, televisivas ou internet) • Relatar situações pessoais/novidades • Compreender comunicação básica • Criar diálogos curtos • Localizar espacial e temporalmente fatos e personagens • Utilizar advérbios temporais • Utilizar adjetivos • Organizar sua sinalização com a sequência dos fatos • Conhecer o sujeito surdo • Conhecer a história de educação de surdos no Brasil • Classificadores 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever no quadro uma lista de espaços da escola através da datilologia dos alunos • Conhecer os sinais de espaços da escola e seus verbos de ação, criar uma lista dos mesmos no quadro de giz • Desenvolver uma produção individual para apresentar um itinerário de seu dia na escola usando os sinais de espaços e verbos aprendidos • Conhecer os sinais de notícias através do conhecimento dos alunos, criar uma lista no quadro para em seguida conhecer os sinais • Criar uma situação usando os sinais de notícias 	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabeto manual • Descrever itinerários • Localização • Rotina escolar • Informal e Formal (notícias do cotidiano) • Advérbios temporais em frases sinalizadas • Incorporação de personagem • História da educação de Surdos no Brasil e seus principais fatos históricos em teatro informal • Classificadores da Libras 	<ul style="list-style-type: none"> • Empréstimos da língua portuguesa • Diferenças entre alfabeto manual e configuração de mão • Classificadores da Libras • Diferenças entre sinal e datilologia • Verbos de ação • Sequência de fatos

	aprendidos e apresentar aos colegas, usando seu espaço o melhor possível e incorporando personagens de seu diálogo, o que irá estimular a compreensão básica dos colegas <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer advérbios temporais através de slides e criar um diálogo com o colega para apresentar a turma com sequência nos fatos • Conhecer a história de Educação dos Surdos no Brasil através de slides • Separar a turma em grupos e criar um teatro sinalizado para representar a história de educação de surdos no Brasil • Conhecer classificadores e descrever Histórias em Quadrinhos 		
--	---	--	--

6ºano

As propostas de conteúdos estão atreladas nesta turma de maneira a fazer o aluno entender o sujeito surdo, sua cultura e comunidade. Ao abordarmos a educação de surdos no Brasil, o sujeito passa a, não somente sinalizar e saber se comunicar, mas a entender a história de uma geração surda e quais os efeitos da mesma ainda presentes nos dias de hoje. Também propõem-se a produção de sinais mais específicos, a fim de que o aluno consiga se localizar e se comunicar com os demais com a riqueza dos detalhes visuais que a Língua de Sinais Brasileira requer em sua prática.

Conteúdos	Rememoração ENCAMINHAMENTO	Repertório linguístico VOCABULÁRIO	GRAMÁTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Educação dos surdos no Brasil • Sinais icônicos e arbitrários • Sentimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a educação de surdos através de slides preparados para a aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinais icônicos e arbitrários e suas diferenças visuais • Sinais referentes a 	<ul style="list-style-type: none"> • Diferença de sinais icônicos e arbitrários e suas características visuais

<ul style="list-style-type: none"> • Lugares e suas partes (casa: banheiro, quarto...) • Pronomes • Adjetivos • Países, estados, capitais, cidades e bairros • Profissões mais conhecidas • Esportes • Classificadores 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar debate com perguntas para os alunos responderem sobre a história de educação dos surdos no Brasil • Aprender a diferença de sinais icônicos e arbitrários • Identificar os sinais que a professora irá sinalizar • Separar os sinais que são icônicos e arbitrários • Conhecer os sinais de sentimentos e a importância das expressões faciais nos mesmos • Relacionar expressões com sinais e seus significados • Escrever no quadro os lugares que frequentamos e seus espaços através da datilografia dos alunos (casa, banheiro, praça, refeitório da escola), em seguida conhecer o sinal dos mesmos • Gravar um vídeo com os alunos sinalizando lugares e seus espaços aprendidos em sala para praticar a separação dos mesmos no espaço neutro da Libras • Conhecer pronomes em Libras e identifica-los em frases sinalizadas • Fazer uma lista no quadro de adjetivos que os alunos forem datilografando, sinalizar na sequência • Comparar os adjetivos que tem e que não tem expressões faciais • Conhecer os sinais dos países através do globo • Conhecer os sinais dos estados do Brasil e suas capitais 	<p>sentimentos e sensações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sinais de lugares e seus espaços • Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos • Adjetivos com e sem expressões • Sinais de países, estados, capitais, cidades e bairros • Sinais de profissões • Sinais de esportes conhecidos e praticados pelos alunos 	<p>Expressões faciais e corporais na produção de sinais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Espaço Neutro na Libras: separar lugares e espaços durante a sinalização • Utilização do espaço para localização de Países, estados, capitais, cidades e bairros • Sequência lógica em frases sinalizadas
---	---	---	---

	usando mapas para identifica-los <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os sinais das cidades próximas a sua, através de fotos • Conhecer o sinal de bairros da cidade onde mora através de fotos • Conversar sobre a profissão de seus pais e as de desejo individual e conhecer seus sinais; • Praticar os sinais de profissões criando frases • Retomar os esportes que os alunos têm na escola, sinalizar os mesmos 		
--	---	--	--

Para o ensino da Libras em contexto de disciplina, é importante a separação dos conteúdos em aulas planejadas e organizadas, assim, com esse processo de sequência, os alunos conseguirão entender sinalizações de outros e produzir orações como desejarem. A ideia de termos o encaminhamento é exatamente isso, tornar possível o desenrolar da Língua de Sinais tanto em sua prática como em sua história.

Tendo o encaminhamento preparado, o professor conseguirá acompanhar o vocabulário adquirido de seus alunos e se alcançaram o objetivo, isso será possível através das aulas práticas com gêneros textuais visuais próprios da comunidade surda e com a interação entre os alunos na produção de conversação, praticando e tornando possível a aquisição de tal língua. Ellis (1999) vê a interação como "o principal objetivo para a capacidade de linguagem específica da nossa espécie"

7ºano

Tomando como referência a proposta do 6º ano, o 7º conhecerá a educação de surdos no Brasil e no mundo, assim fazendo a continuação da proposta anterior, o que caberá na rememoração no encaminhamento. Neste ano, é perceptível mais teorias que no ano anterior, pois aqui o aluno já tem uma grade e boa base de sinais para a comunicação, é hora então de aprender mais sobre o contexto e os aspectos visuais da Libras.

	Rememoração		
--	--------------------	--	--

Conteúdos	ENCAMINHAMENTO	VOCABULÁRIO	GRAMÁTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Educação de Surdos no Brasil e no mundo • Contexto visual: características da comunidade surda • Expressões faciais: interrogativas, afirmativas, negativas, exclamativas • Diferença de horário e duração • Instrumentos musicais • Profissões • Classificadores 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a história de educação de surdos no Brasil e no mundo através de slides, discutindo sobre suas influências da mesma na atualidade • Conhecer a comunidade surda e suas características visuais como HQs, vídeos, poesias, etc. • Produção de algum contexto visual • Aprender sobre as expressões faciais e sua importância na sinalização • Identificar expressões faciais com sinais em vídeos de poesia surda • Com frases trazidas pelo professor, aprender as diferenças de horário e duração na sinalização • Conhecer os sinais de instrumentos musicais e a influência dos mesmos na comunidade surda (vibração) • Conversar sobre a profissão de seus pais e as de desejo individual e conhecer seus sinais; • Praticar os sinais de profissões montando frases 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinais de elementos visuais contemplados na poesia, em poemas, etc. • Sinais com e sem expressões • Sinais de duração e horário e suas diferenças • Sinais de instrumentos musicais populares e de suas influências • Sinais de profissões 	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto visual • Expressões faciais • Horário e duração em frases sinalizadas

8ºano

A proposta para este ano é de aprimorar sua sinalização a fim de se expressar com mais destreza. Apresenta também, teorias para conhecer quem é o sujeito surdo e por quais realidades passou para firmar sua identidade. Um ponto característico a ser notado é a escrita de sinais, que vem como novidade para embasar os alunos sobre a Língua de Sinais e sua forma variada de comunicação.

Conteúdos	Rememoração ENCAMINHAMENTO	VOCABULÁRIO	GRAMÁTICA
-----------	-------------------------------	-------------	-----------

<ul style="list-style-type: none"> • Surdo e D.A • Diálogos mais intensos • Surdos e o contexto familiar - Identidades Surdas • Processo anafórico • Vestuário e acessórios • Contação de História • Classificadores • Escrita de Sinais 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a diferença de surdo e D.A através de slides sobre níveis de surdez com imagens da realidade dos surdos neste quesito (antigamente e atualmente) • Conhecer as identidades surdas e como funciona cada uma delas através de slides • Produção de uma conversação com o colega apresentando gostos individuais • Produção de diálogo individual retomando os diálogos passados para praticar o processo anafórico e entender como funciona • Conhecer os sinais de vestuário em Libras a fim de se comunicar com o colega usando somente os sinais dos mesmos • Apresentar uma história de contos para praticar os sinais aprendidos e o processo anafórico; • Criar uma história que envolva vestuário (lojas de roupa, shopping, etc) para praticar os sinais e o processo anafórico • Conhecer o significado dos classificadores na Libras e tentar produzi-los através de imagens apresentadas pelo professor • Conhecer a Escrita de Sinais, algumas características da mesma e sua história 	<ul style="list-style-type: none"> • Expressão de gostos, preferências e sentimentos • Sinais das identidades surdas • Sinais de vestuário e acessórios • Produção sinalizada de história • Classificação de imagens através da Libras • Escrita de Sinais¹¹ e a Libras 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinais novos que expressem gostos, preferências e sentimentos • Processo anafórico: duas ou mais pessoas interpretadas por uma • Diferença entre vestuários e acessórios • Expressão facial e corporal na contação de história • Interpretação • Classificadores e sua importância na Libras • Escrita de sinais: alguns termos novos
--	---	--	---

9ºano

¹¹ A palavra em inglês, "SignWriting" significa "Escrita de Sinais" no Brasil. O SignWriting é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais. Essa escrita expressa as configurações de mãos, os movimentos, as expressões faciais e os pontos de articulação das línguas de sinais.

No ano final, retomamos os conceitos de sinalização com intuito de melhor desenvolvimento na sinalização individual, capacitando o aluno em sua desenvoltura e sua produção. Algumas teorias como os parâmetros da Libras e sua estrutura sintática aparecem a fim de firmar o conceito de estrutura gramatical da Língua de Sinais. Neste ano, temos a escrita de sinais como continuidade do que fora aprendido no ano anterior, tendo em vista sua complexidade.

Conteúdos	Rememoração ENCAMINHAMENTO	VOCABULÁRIO	GRAMÁTICA
<ul style="list-style-type: none"> Os parâmetros da Libras Estrutura sintática da Libras Sinais de grandes marcas e empresas Produção de material visual Personagens Classificadores Escrita de Sinais 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer os parâmetros da Libras e o significado de cada um, bem como sua importância na construção de um sinal Identificar cada parâmetro nos sinais apresentados pelo professor Comparar a Língua de Sinais com as Línguas Orais em sua estrutura gramatical com frases escritas e sinalizadas Conhecer sinais de grandes marcas e empresas para sinalização em frases Criar conversação formal usando sinais aprendidos Conhecer os materiais usados na comunidade surda característicos de sua cultura visual (HQ, desenhos, filmes, etc) Produção ou adaptação dos alunos de materiais visuais que podem ser utilizados na comunidade surda Conhecer a história de Helen Keller e elaborar um teatro com um personagem para cada aluno interpretar usando somente sinais Conhecer o significado dos classificadores na Libras e tentar produzi-los 	<ul style="list-style-type: none"> Sinais dos parâmetros Parâmetros identificados nos sinais Sinais de marcar e empresas para interação Interpretação de personagens e fatos de histórias e o processo anafórico Sinais de elementos visuais: imagens, vídeos, etc. Escrita de sinais e seus sinais a longo prazo 	<ul style="list-style-type: none"> Estrutura da Libras Diferença de Libras e Português Descrição de sinais Visualidade na produção de sinais contemplando a necessidade do surdo Interpretação de personagens Processo anafórico Produção individual de conversação Classificadores visuais da Libras Escrita de Sinais

	através de imagens e vídeos breves apresentadas pelo professor		
	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a Escrita de Sinais, suas características e produção de escrita do seu nome 		

Proposta de SDB¹² para o 9º ano

O segundo momento contemplou a criação de uma SDB para o 9º ano com a temática Escrita de Sinais, uma vez que permite a rememoração de todos os conteúdos apresentados funcionando como um processo de revisão e aperfeiçoamento dos conteúdos.

O desenvolvimento da SDB toma como ponto de partida o esquema de representação da organização de uma SD (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 98) e os quatro procedimentos envolvidos no modelo das SDs, sendo os: 1) Apresentação da situação de produção de um gênero; 2) Produção inicial; 3) Módulos intermediários; 4) Produção final, bem como a expansão dessa proposta na perspectiva bilíngue para surdos (Cezar, 2018) que acrescenta antes dessas etapas a importância de se quebrar a barreira linguística (língua portuguesa ou língua oficial para sinalização) e a criação de sinalários e glossários técnicos para o início das atividades de conteúdos escolares.

- 1) Quebra da barreira linguística, a) levantamento de conceitos, b) levantamento de sinais, c) criação de sinalário e de glossário.

	Quebra da barreira linguística	
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar os conceitos de palavras desconhecidas – técnicas. • Retomar os conteúdos de escrita de sinais. 	Atividades <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento de sinais existentes. • Organizar os conceitos similares sobre a palavras desconhecidas. • Criação de sinais provisórios. • Significado das principais palavras. 	Materiais <ul style="list-style-type: none"> • Dicionários online e impressos. • Dicionários de língua portuguesa (identificando a não existência de conceitos da Libras)

¹² Tomamos como modelo a criação da sequência didática as ideias dos estudiosos Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). As ideias do bilinguismo e a forma de trabalho tivemos como base os conceitos apresentados em Cezar (2015).

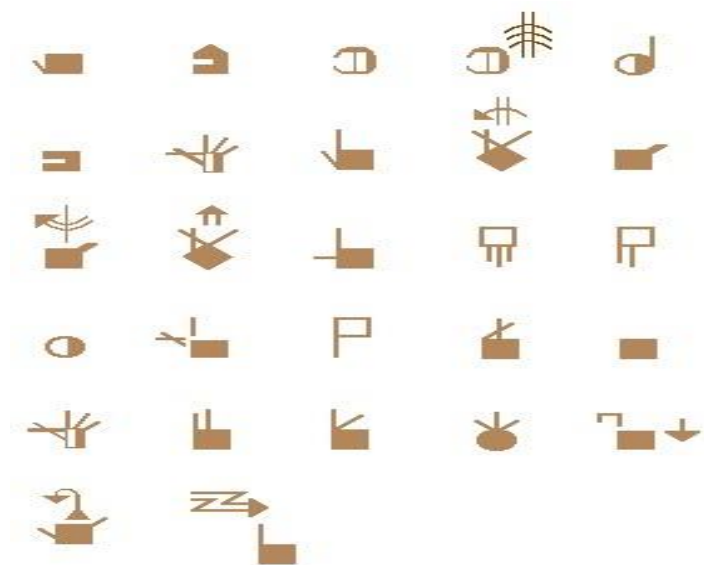
<ul style="list-style-type: none"> Relacionar o conhecimento de história e cultura – congresso de Milão. O porquê é tão importante. 		escrita de sinais. <ul style="list-style-type: none"> Criação de sinalários e glossários.
--	--	--

O objetivo desta etapa é colocar os preceitos dos documentos oficiais e da literatura especializada sobre a perspectiva bilíngue para surdos. Neste momento em questão que utilize essa mesma forma para o ensino de Libras no ensino regular a fim de os alunos compreenderem o funcionamento real de uma língua sinalizada – de seu funcionamento e de sua cultura. A prioridade é de que venha a ser um professor surdo, no entanto se não for possível que venha a ser um professor sinalizante que transmita em Libras os conteúdos.

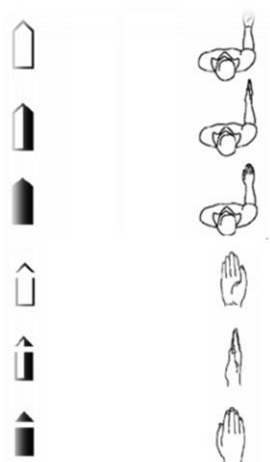
2) Sinalização (Libras como L1): apresentação do conteúdo.

	Sinalização	
Objetivos	Atividades	Materiais
<ul style="list-style-type: none"> Destacar a importância de receber os conteúdos em Libras. 	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar as características da escrita de sinais relacionando com a tridimensionalidade – executar para si – leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> Os alfabetos Língua Portuguesa Língua de sinais Escrita de sinais.

Neste momento, objetiva-se levantar a temática de escrita relacionando as escritas de ordem alfabética ortográfica (maioria das línguas orais).



Dessa maneira, contrapondo com a escrita de sinais que tem como norte a representação do corpo como o fazer – produzir na visão do sinalizante em razão de sua tridimensionalidade, ou seja, o comando dessa representação escrita se dá na execução do sinal, como mostra o exemplo a seguir



3) Apresentação do tema histórico (aspectos históricos, sociais, culturais e linguísticos das escritas) e proposta de narrativa em escrita de sinais.

	Apresentação do tema	
Objetivos	Atividades	Materiais

<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a imposição linguística das escritas. • Refletir que a escrita não se trata de uma representação exata da fala ou da sinalização. • Refletir sobre a função da escrita na sociedade. • Refletir sobre o porquê da LP ser a segunda língua para os surdos (bilinguismo para surdo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver uma narrativa visual utilizando a escrita de sinais. • Solicitar que um membro, fora da sala (ou familiar) realize a leitura. • Conhecer as características da escrita de sinais para sua produção. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livro de literatura infantil com escrita de sinais – Rapunzel surda. • Laboratório de informática – programa Escrita de sinais (gratuito).
---	---	---

O objetivo se dá na exploração do processo de letramento para surdos no que tange a importância da escrita de sinais nas séries iniciais.

4) Produção Inicial: exploração do gênero vídeo e narrativa visual.

Produção Inicial		
Objetivos	Atividades	Materiais
<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar o que é escrita de sinais além do que foi ministrado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar um roteiro para explicar o funcionamento da escrita de sinais. • Gravar em vídeo essa explicação para depois apresentar em forma de seminário. • Retomar com os alunos a importância dos parâmetros da Libras e os classificadores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Câmera • Computador • Celulares • Software escrita de sinais.

O início dessa atividade se dá com o objetivo maior de que no momento em ter de explicar e justificar o funcionamento da escrita de sinais em forma de vídeo para uma apresentação para com os colegas, faz com que seja possível retomar todos os conteúdos ministrados ao longo das séries anteriores, como por exemplo – tridimensionalidade, executar o sinal para si e como o outro lê, os parâmetros da Libras, configuração de mãos, movimento, orientação da palma da mão, ponto de articulação e expressão facial ou corporal. Dessa forma, acreditamos que ocorra a integração dos conhecimentos no sistema cognitivo dos alunos, visto que precisarão explicar e justificar o “como”, o “porquê”, o “para que”, além disso terão de relacionar como essa língua torna-se uma representação em forma de escrita, com isso, despertar-se-á a compreensão exata da estrutura e do funcionamento linguístico das línguas o que acarretará automaticamente na compreensão de estarem diante de um

sistema linguístico-língua e não de uma linguagem, o que o senso comum acaba se sobrepondo.

5) Narrativa Visual-Vídeo: danos linguísticos; análise dos desenhos

Sequência Histórica		
Objetivos	Atividades	Materiais
<ul style="list-style-type: none"> História da educação de surdos. Reproduzir o seu conhecimento sobre a escrita de sinais. 	<ul style="list-style-type: none"> Produção de desenhos Escolha de desenhos Comparação com a escrita de sinais e suas diferenças. 	<ul style="list-style-type: none"> Novas tecnologias para o ensino. Desenho, animação. Hq sinalizada

O intuito dessa etapa é desenvolver a criticidade e destacar a importância dos aspectos visuais das línguas de sinais articulando com outras formas de linguagem que muitas vezes a escola não aceita como manifestação linguística.

6) Produção de vídeo: aspectos linguísticos e visuais das línguas sinalizadas.

Linguagem dos quadrinhos – aspectos visuais		
Objetivos	Atividades	Materiais
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer as normativas das regras de sinalização em vídeo. Reconhecer o sistema de vídeo e de escrita de sinais como forma de registro. Reconhecer a importância da escrita no mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> Comparar vídeos para compreender a futura produção. Realizar um roteiro sobre o que é escrita de sinais. Realizar uma manifestação em vídeo. Trabalhar os princípios de edição em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> Mídias Celulares Entre outros.

7) Produção Final: trabalho com a escrita; criação de uma HQ e divulgação do material criado.

Produção Final		
Objetivos	Atividades	Materiais
<ul style="list-style-type: none"> Retomar os conteúdos sobre escrita de sinais, articulando com os conhecimentos de língua. 	<ul style="list-style-type: none"> Produção de vídeo em sinais sobre o conhecimento de escrita de sinais. 	<ul style="list-style-type: none"> Vídeo Celulares

A proposta didática bilíngue tem como principal objetivo despertar a conscientização, a sensibilidade e o processo de interação sobre os aspectos linguísticos, sociais, culturais que envolvem o processo de educação de surdos no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Libras como disciplina curricular, mesmo que vagarosamente, vem sendo motivo de discussão no contexto educacional. A mais recente divulgação da implementação da dessa disciplina em contexto de escola regular se deu na Escola Municipal Padre Pedro Fuss, no município de São José dos Pinhais/PR, que inseriu em 2018 a disciplina de Libras em sua grade curricular. Essa implementação é um exemplo que desencadeia diversas inquietações educacionais somadas a preciosidade de se ter no contexto escolar. O ensino de Libras na educação básica e não é obrigatório por lei, somente no ensino superior, como demonstrou o levantamento bibliográfico (DECRETO 5626). No entanto, manifestações como essa vem sendo discutida em implantada, mesmo sem obrigatoriedade, podendo ser uma perspectiva de obrigatoriedade futura.

Por intermédio dessas possibilidades e pensando na prática educacional vivenciada por muitos educadores brasileiros que estão assumindo esta disciplina na educação básica, mesmo que com uma formação mínima, 60 horas nos cursos de licenciatura (MELEGARI, 2018, no prelo), a presente investigação apresentou a presente proposta curricular que tem como principal objetivo tornar-se um instrumento possível para direcionar os profissionais envolvidos, não se trata de uma receita, mas de uma possibilidade possível e ajustável.

A presente criação da sequência didática bilíngue segue essa intenção de direcionamento pautada na metodologia de gêneros textuais para o ensino de língua considerando a estrutura e funcionamento de duas línguas (visual especial e oral auditiva) que se encontram em um mesmo espaço social.

Concluimos que utilizar e criar SDB coloca o professor como protagonista do processo de ensino aprendizagem de línguas, além de promover uma flexibilidade na organização e na exposição dos conteúdos. Nesse sentido, tanto a proposta

apresentada como a criação da SDB tem como finalidade tornar-se uma ferramenta de ensino disponível para os professores.

REFERÊNCIAS

ALBES, Neiva de Aquino e SARUTA, Moryse Vanessa. PROGRAMA CURRICULAR DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA SURDOS Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio Instituto. Santa Teresinha - São Paulo 2012. P.144

BRASIL. Decreto n. 5.626. regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Última consulta em 08/11/2018

BRASIL. Lei n. 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Última consulta em 8/11/2018

BRASIL. Ministério da Educação.<<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/legislacao> > Acesso em: 8 Ago. 2018

CEZAR, K.P.L Considerações linguísticas a respeito das línguas de sinais. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, Unesp, 2014.

CEZAR, K.P.L Escrita: uma proposta linguística de ensino para educação bilíngue dos surdos. Relatório de pós-doutorado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu, Unioeste, 2015.

COSTA-HÜBES, t da c.; SIMIONI, c. a. . sequência didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. in: eliana merlin deganutti de barros; eliane segati rios-registro. (org.). experiências com sequências didáticas de gêneros textuais. 1ed.são paulo: pontes, 2014, v. 1, p. 15-49.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. E SCHNEUWLY, B. sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. in: SCHNEUWLY, B. E DOLZ, J. *et alii. gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: mercado de letras, 2004.

ELLIS, R. *learning a second language through interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

EMENTAS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS. DISPONÍVEL : <
[HTTP://WWW.PEDAGOGIA.UFPR.BR/ALUNOS/OBREMENTAS.PDF](http://www.pedagogia.ufpr.br/alunos/obrementas.pdf) >
 ACESSO:31/08/2018

FELIPE, T. A. O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos brasileiros. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE, 1988.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. - Curitiba: Ibpex, 2007. 161p.: il.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da realidade surda e da língua de sinais. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.

KARNOPP, L. BAquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996

LIMA, S. M. de. Formação dos Professores na Inclusão de Alunos Surdos com Alunos Ouvintes. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Pedagogia, Setor de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MACHADO, N. J. Sobre livros didáticos: quatro pontos. Em aberto, Brasília, v. 16, n. 69, p. 4-10, jan/mar 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L.A. *Produção Textual*, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MELEGARI, J.B. Análise Curricular da disciplina de Libras como L2 no ensino superior. 26 f. Trabalho de Conclusão de curso - Curso de letras Libras, Setor de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018 (no prelo).

NEVES, S. L. G. **UM ESTUDO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA OUVINTES**. 128 f. Dissertação (Pós Graduação em Educação) – UNIMEP, Piracicaba, 2011.

QUADROS, R. M. de Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M. de Phrase Structure of Brazilian Sign Language. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre. 1999.

QUADROS, R. M. Desenvolvimento lingüístico e educação de surdos. (Material didático produzido para o Curso de Graduação a Distância de Educação Especial). Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

ROJO, R. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo:EDUC; Campinas: *Mercado de Letras*, 2000

ROMÃO, Adriana de Oliveira de Souza Sanchez. “Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2: descrição e breve análise do material didático. In.: Revista Diálogos (RevDia). Dossiê “Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido”. v. 4, n. 2, 2016. ;;

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

SKLIAR, Carlos; **A Surdez, um olhar sobre as diferenças**. 3ª edição; ed. Mediação – Porto Alegre – RS – 2005.

São Paulo (SP) Secretaria municipal de educação. Diretoria de Orientação Teórica. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Libras/Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008. 128p. : il.

SILVA, M.F; PIRES-SANTOS, M.E. A educação bilíngue para alunos surdos numa perspectiva culturalmente sensível/relevante. *Ideação*, v.14, no. 2, p. 139-156, 2o. sem, 2012. Unioeste.

Silva, Danilo da. Políticas de Acessibilidade para Surdos: perfil e condições de trabalho dos tradutores intérpretes de Língua de Sinais (Libras) das Escolas da Rede Estadual de Ensino de Curitiba e Região Metropolitana / Danilo da Silva/Curitiba, 2016. 196f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Setor de Educação Curso de Pedagogia**